



# Medicina na frente de batalha

Tese analisa a atuação de profissionais de saúde na Guerra do Paraguai



► O quadro *A Batalha do Avaí*, de Pedro Américo, descreve um importante episódio da Guerra do Paraguai

Ricardo Valverde



ficionado por história militar, o pesquisador Carlos Leonardo Bahiense da Silva apontou seus olhos para um tema inex-

plorado – aventado por um amigo conhecedor de arquivos históricos esquecidos – e que o levou a desenvolver uma tese na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). O trabalho, intitulado *Doutores e canhões: o corpo de saúde do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai (1864-1870)*, traça um amplo panorama da situação dos médicos naquele período, de sua formação profissional, das dificuldades e más condições enfrentadas nos campos de batalha do mais sangrento conflito armado internacional da

América do Sul, apresenta e discute as questões teóricas da medicina da época e ainda analisa a epidemia de cólera ocorrida em 1867, no esteio dos combates. A tese, bastante elogiada pela banca, está cotada para ser publicada em livro.

Bahiense chegou ao tema depois de pesquisar para a sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e que tratou da Shindo Renmei, espécie de sociedade secreta que existiu em São Paulo, no final da década de 1940, e que não aceitava que japoneses e seus descendentes admitissem a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, chegando a matar membros da comunidade nipônica. Comprador voraz de livros de história militar, Bahiense pensava em estudar, no doutora-

do, a Guerra das Malvinas, entre outros temas que despertavam sua curiosidade. Mas uma conversa com um colega professor que conheceu em Cabo Frio o fez sair da indecisão e seguir um rumo diferente.

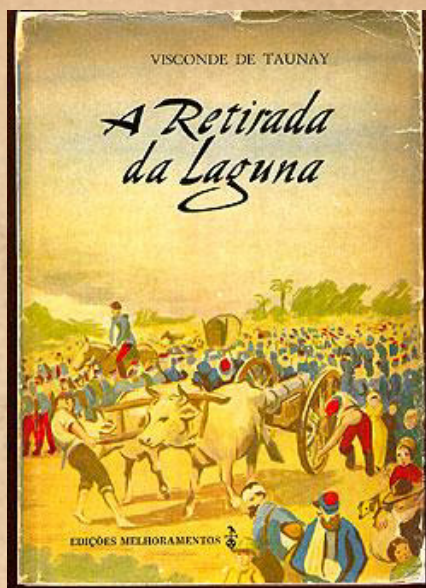
“Ele me contou que no Arquivo Histórico do Exército, localizado na sede do Comando Militar do Leste, no Centro do Rio de Janeiro, havia muito material sobre o serviço de saúde e seus integrantes, que estava a espera de um historiador para trazer as informações à tona. Então, fui escavar os arquivos”, conta Bahiense, que teve que vencer uma inicial reticência dos militares. “A história militar da República está naquelas caixas lotadas de papéis e documentos. No caso da Guerra do Paraguai, há uma considerável quantidade de despachos que ilumi-

nam a história social do conflito”, conta o historiador.

As dificuldades logísticas enfrentadas pelos militares brasileiros no conflito eram imensas. A situação sanitária não poderia ser diferente. Embora existissem instalações hospitalares próximas às tropas (os “hospitais de sangue”), a precariedade era regra. “Isso causava embates e tensões entre os médicos e seus superiores. Também se registravam conflitos entre médicos e outros profissionais da área, como enfermeiros e farmacêuticos, e entre médicos militares e militares não-médicos”, observa Bahiense, lembrando que parte dos profissionais era formada por jovens estudantes de medicina que não tinham experiência prática, apenas teórica, dos bancos da faculdade. “Havia um corpo de saúde militar desde 1849-50, mas que não tinha preparo suficiente, nem homens aptos, e mesmo estrutura, para dar conta da magnitude de uma guerra internacional”, diz.


As epidemias grassavam. Durante o conflito, ocorreram surtos de cólera, varíola, tuberculose, tifo e beribéri. “A situação era agravada por questões como as dificuldades de prover alimentação adequada às tropas, transportá-las e abrigá-las, além dos problemas trazidos pelo clima, como chuvas e frio. Alfredo d’Escragno, o visconde de Taunay, relata essa dramática situação, de maneira contundente, em seu livro *A Retirada da Laguna*”, diz Bahiense, referindo-se ao episódio em que uma coluna do Exército brasileiro foi forçada a se retirar do teatro de operações sob pesado ataque paraguaio. De 3 mil soldados brasileiros, apenas 700 sobreviveram à fúria inimiga.

“A guerra se tornou um laboratório e um aprendizado forçado para médicos e estudantes. Entre os papéis que pesquisei há vários despachos e relatórios que relatam o drama de soldados operados ali mesmo, nos campos de batalha, e de médicos que não tinham muito o que fazer”. Um dos episódios marcantes foi o de Júlio José Chagas, soldado do 27º Batalhão de Voluntários da Pátria, de 18 anos, que teve os braços amputados rente ao tórax e foi enviado para o Asilo dos



Inválidos da Pátria, no Rio de Janeiro. A guerra também deixou uma legião de neuróticos, que eram classificados como alienados e mandados para o então Hospício Pedro II, no bairro da Urca. Mais tarde a unidade foi transferida para o Engenho de Dentro e atualmente é denominada Instituto Nise da Silveira.

“Os ferimentos impressionavam os doutores, que faziam cirurgias improvisadas em cabeças, peitos, membros superiores e inferiores”, analisa Bahiense. O historiador afirma que os médicos brasileiros também liam livros de colegas que participaram das guerras napoleônicas e da Guerra da Crimeia, em busca de informações e conhecimento de como agir com os feridos nas batalhas. Essas leituras os ensinaram a usar um composto orgânico como anestesia nas operações feitas durante a guerra. Era clorofórmio.

Já pensando no próximo tema de trabalho acadêmico, Bahiense tem duas opções para o pós-doutorado. Uma é um estudo sobre a história militar turco-otomana, incluindo a influência mongol, do século 13 à Primeira Guerra Mundial, quando o Império Turco deixou de existir. A outra é um estudo comparativo entre os holocaustos judeu (na Segunda Guerra Mundial) e armênio (em 1915), por meio, respectivamente, das memórias dos escritores Primo Levi e Grigoris Balakian. 



► Leonardo Bahiense: especialista em história militar